



O portunhol e a integração latino-americana

Alexandre Santos

Comentário sobre a importância do Portunhol como instrumento de integração cultural da América Latina.

A realização do bem estar social requer o exercício livre e desembaraçado da comunicação – relação entre pessoas que se compreendem mutuamente –, um elemento que, embora não constitua fim em si mesmo, é indispensável para a conquista de qualquer objetivo comum. Não é outro o ensinamento da lenda da Torre de Babel, cuja construção deixou de ser efetivada pela repentina profusão de línguas, impedindo que as pessoas se entendessem. A lógica inversa indica que a eliminação do efeito Babel é um pressuposto essencial ao sucesso dos projetos. Nesta perspectiva, emerge a consciência de ser a comunicação o instrumento básico do poder, suscitando iniciativas que visam o estabelecimento de línguas e códigos universais.

Muitos, por ignorância, covardia, desinteresse ou conveniência, preferem cuidar de outros assuntos e deixam a questão da comunicação aos cuidados dos dominadores da ocasião, que, via de regra, debilitam o vernáculo e consagram a própria língua, usando-a como instrumento de controle. Ocorreu assim com o grego, o latim, o francês, o alemão e, nos dias correntes, com o inglês. Vale destacar que, causa e efeito de um mesmo fenômeno, este sistema funciona ao sabor da correlação das forças militares, econômicas e culturais envolvidas. Por isso, hoje, o latim é uma língua morta, o grego e o francês estão circunscritos a círculos limitados e, pouco a pouco, ao sabor dos novos ventos, o inglês perde espaço para o mandarim.

Ainda em 1887, disposto a contrariar este modelo, o polonês Ludwik Lejzer Zamenhof idealizou o Esperanto – uma língua que, passando ao largo dos esquemas de controle, permite a comunicação universal. Embora meritória, a idéia não prosperou como queria seu idealizador e não o fez exatamente porque seu uso invalida a língua como elemento de dominação. E, sem o apoio das potências dominantes, entregue à boa vontade de homens de bem, o Esperanto – um código artificial, sem raízes culturais e com número insuficiente de adeptos para permitir a interlocução de iniciados e praticantes – não consegue se firmar.

Em meio a tudo isto, se impõem descompassos que fortalecem os velhos esquemas de poder, pois, ao tempo que as elites cultivam seus próprios sistemas de comunicação, as comunidades falam segundo costumes e sotaques localizados e, nesta perspectiva, nos círculos populares, a Babel perdura, dificultando a articulação maior dos povos. No continente americano, por exemplo, o efeito Babel atrapalha a consolidação da comunidade latino-americana, cujo avanço não segue no ritmo desejável porque 190 milhões de

brasileiros não entendem bem o espanhol e os demais 160 milhões de latino-americanos não entendem bem o português – duas belas flores do Lácio, que, infelizmente não se fazem compreender entre si.

Ninguém contesta que, talvez, o maior empecilho para a realização da integração latino-americana seja a questão lingüística. Cientistas políticos são unânimes em que, enquanto esta questão perdurar, a integração latino-americana ficará restrita ao campo das utopias. Como o sonho da integração é forte, certos círculos do poder tentam aproveitar a situação como plataforma para seus próprios interesses e propõem a adoção do inglês como língua comum. “Se todos falarem inglês, a integração estará garantida”, dizem eles. Na realidade, se todos falarem a língua da potência hegemônica, ao invés da integração, a região correrá o risco de ser assimilada pelo Grande Irmão do Norte.

O povo, no entanto, é mais sábio do que os estrategistas das potências imaginam e, contrariando os planos e interesses geopolíticos das elites maiores, cria seus próprios caminhos.

Ao invés de mergulhar no aprendizado do inglês, esperando que todos façam o mesmo e uma nova confraria seja estruturada, os brasileiros tentam falar o espanhol e os outros latino-americanos tentam falar o português. Como resultado, em bela e eficaz demonstração de vontade coletiva de entendimento e, conseqüente, de superação do efeito Babel, emerge o portunhol – uma língua nova e que vem dando grande contribuição ao entendimento dos latino-americanos.

Cumprindo, ainda, as fases embrionárias do vernáculo, bem longe de ser codificado, o Portunhol pode constituir grande solução para o maior dos problemas à completa integração da comunidade latino-americana, garantindo o exercício livre e desembaraçado da comunicação necessária à realização do bem estar social e, quem sabe, um dia, ser reconhecido como a mais jovem flor do Lácio.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE)

Publicado na revista 'Letras & Artes' nº 19, da Academia de Letras e Artes do Nordeste, em 2011.
Publicado na revista 'Francachela', do editorial Francachela, da Argentina